A ESCOLA, O PASSE E O REAL DA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA

Andréa H. Fernandes

Alguns psicanalistas fizeram escola, influenciando outros analistas, ao se engajarem num esforço de cura. Esta situação fez com que Freud, em 1937, alertasse os analistas para, ao invés de se indagarem sobre como se dá a cura pela análise, se interessassem pelos obstáculos que se colocavam no caminho que levava ao final de uma análise[1]. A advertência freudiana é retomada por Lacan quando percebe que existe na clínica um real e vê como única forma possível para o analista lidar com isso a condução da análise até o momento final em que o analista é reduzido ao objeto *a*.

Como nos mostra a história da psicanálise, o tema sobre o final de análise, tal qual foi tratado por Ferenczi, foi diversas vezes comentado por Freud. Sabemos que Ferenczi, de início, adotou na sua clínica a interdição de satisfações substitutivas, orientando-se, então, pelo princípio freudiano da abstinência. Entretanto, ele acreditava que para conseguir conduzir as análises até o final era necessário acelerar o processo analítico; para isso ele provocava a atualização da fantasia na transferência e depois agia em favor da sua interdição. Como resultado houve o aumento das resistências, o que o forçou a abandonar a técnica ativa e passar à neocatarse. Num intervalo de dez anos, ele muda de opinião sobre o que permitiria ultrapassar as resistências na análise. Para ele, a neocatarse poderia alcançar tal objetivo, pois esta se baseava na idéia dos transtornos psíquicos estarem associados ao fato de que o primeiro encontro da criança com o mundo adulto tivera sido traumático. Logo, Ferenczi defende, com a neocatarse,

ser preciso proporcionar gratificações aos pacientes para assim criar uma relação com o Outro sem a presença da frustração.

No texto *Análise terminável e interminável*, Freud tece alguns comentários sobre o que Ferenczi teria dito sobre "*o problema do final da análise*[2]". Nesta ocasião, Freud retoma o que tinha dito nos textos sobre a técnica psicanalítica. Ele fala que o analista deve conduzir a análise em estado de frustração e que o tratamento deve ser praticado sob abstinência.

Muitos trabalhos de Freud e Ferenczi interrogam os meios que levam ao final da análise. Segundo Ferenczi, Freud, nas primeiras comunicações sobre a técnica, deixava um espaço livre a outros métodos de trabalho em psicanálise, fora o seu. Esta situação favorecia que a técnica psicanalítica fosse pensada como algo de individual, que estava relacionado à pessoa do analista. Entretanto, nos diz Ferenczi, depois da introdução da "segunda regra fundamental" da psicanálise, as diferenças na técnica psicanalítica começaram a desaparecer[3]. A regra em questão preconizava que toda pessoa que quisesse praticar a psicanálise deveria ela mesma submeter-se a uma análise.

Ainda em outro texto sobre a técnica, Freud diz que na psicanálise existem diferentes maneiras de trabalhar, mas, por outro lado, a resposta para as questões da técnica em psicanálise nunca é coisa rotineira[4]. Ele afirma que "embora haja talvez mais de um bom caminho a seguir, existem ainda muitíssimos maus, e uma comparação entre os diversos métodos não deixa de ser esclarecedora, mesmo que não conduza a uma decisão em favor de algum especificamente[5]".

No que tange a Ferenczi, sendo seu objetivo principal descobrir como chegar a analisar uma pessoa a fundo, ele foi levado a inventar novas técnicas psicanalíticas. Na época da neocatarse, mais especificamente, ele defende a necessidade de encontrar o fato traumático e fazer com que o paciente o reviva, de outra maneira, na análise. Como a origem do traumatismo remontava a mais tenra infância, para alcançar seu objetivo de realizar uma análise a fundo, ele acreditava ser preciso dar gratificações ao paciente que no passado tinha sido frustrado.

Para Ferenczi, a questão de analisar a fundo estava associada à análise do analista, tema que Lacan vem interessar-se muitos anos mais tarde através do passe. A tese de Ferenczi é que "toda pessoa que foi analisada a fundo, que aprendeu a conhecer completamente e a controlar suas inevitáveis fraquezas e particularidades de caráter, chegará necessariamente nas mesmas constatações objetivas, no decorrer do exame e do tratamento do mesmo objeto de investigação psíquica e, por via de

conseqüência, adotará as mesmas medidas táticas e técnicas[6]". A análise do analista é descrita, neste caso, de forma idealizada - o que não acontece no passe lacaniano, pois neste, o analista é apresentado como um rebotalho[7].

Ainda, com relação à técnica adotada por Ferenczi para diminuir a duração do tratamento e conseguir analisar a fundo, Freud, já em 1913, faz o seguinte comentário:

"Eu percebo que nossas divergências se dão sobre um detalhe técnico que vale a pena ser discutido. Você não dissimulou o fato de abraçar seus pacientes e de deixar que seus pacientes o abracem; eu também ouvi isto dos meus pacientes. Mas quando você decidir explicitar detalhadamente sua técnica e seus resultados, você terá de escolher entre duas possibilidades: ou você conta isto, ou guarda para você...

Na nossa técnica, nós temos defendido que as satisfações eróticas devem ser recusadas aos pacientes...

Imagine quais serão as conseqüências da publicação de sua técnica. Não há revolucionário que um outro revolucionário mais radical não suplante...[8]".

De fato, se sob um aspecto a influência de Ferenczi não chegou à fundação de uma escola ferencziana de psicanálise, uma vez que não temos analistas ferenczianos, sob outro aspecto, seu prestígio agiu sobre muitos outros analistas. Dentre eles, nós encontramos os húngaros Michael Balint, sendo seu representante maior. E ainda, sua influência ultrapassou as fronteiras, uma vez que encontramos vestígios da mesma em Winnicott, que morava em Londres[9]. Podemos encontrar esta aproximação entre Ferenczi e Winnicott, no seminário de Lacan, *O Ato Psicanalítico*.

Sobre o ato analítico, Lacan fez questão de afirmar que ele não foi visto, percebido ou discutido antes dele na psicanálise. Referindo-se ao momento eletivo da passagem do psicanalisante à psicanalista, este ato diz respeito a um dizer que muda o sujeito e não a um ato no nível de uma ação do analista. Contrariamente à definição de Lacan do ato analítico, tanto Ferenczi como Winnicott deram provas, na clínica, de que o analista deveria agir em análise de forma a propiciar uma nova relação do paciente com o Outro.

Retomemos um dos momentos onde percebemos que estes dois autores estão associados. Isto ocorre em meio aos elogios que Lacan endereça a Winnicott; ele o define como "um bom psicanalista[10]" e um "autor excelente[11]". Entretanto, quanto ao ato psicanalítico, ele diz que há a perda do psicanalista[12]. Segundo Lacan, Winnicott toma uma via contrária à do ato analítico, já que "ele adota a posição de fazer, pela qual ele assume,

como se exprime um outro analista, responder a todas as necessidades do paciente[13]". Como sabemos, foi justamente Ferenczi que preconizou que o analista devia dar gratificações aos pacientes para assim possibilitar uma reconciliação com o Outro.

Um outro ponto a ser destacado é que se de um lado, Ferenczi era capaz de sacrificar seu próprio conforto para conseguir levar uma análise até o seu final, de outro lado, Winnicott também não se abstinha. Para este último, era necessário que o analista funcionasse como uma "mãe suficientemente boa"; assim, encarnava um Outro sob medida e esta era a condição para fazer emergir o verdadeiro *self* do paciente, que se encontrava escondido por detrás de um falso *self*. Seguindo a linha revolucionária inaugurada por Ferenczi, Winnicott contribuiu com o seu próprio *self* para conduzir o paciente, através da regressão, até o seu verdadeiro *self*.

As tentativas ferenczianas e winnicottianas de criar um Outro sob medida produziram modificações na técnica freudiana e favoreceram novas concepções de final de análise.

Ferenczi concebeu o final de análise como o momento no qual era possível ultrapassar o complexo de castração. Compreendendo a ambição reparadora posta em prática na clínica ferencziana, Freud, conhecendo os obstáculos que se colocam no caminho da cura - entre eles o complexo de castração - adverte que se no final da análise há algum tipo de travessia, esta diz respeito a uma modificação na posição subjetiva do sujeito.

Talvez possamos compreender porque Freud quando trata da questão do final da análise mantém uma interlocução com Ferenczi. O que Freud está tentando fazer é chamar a atenção dos analistas sobre os "perigos da análise" para o parceiro ativo da situação analítica, o analista, em razão do mau uso da transferência na análise. Pois, como o diz Lacan, "o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida[14]". Dentro dessa lógica, quando Ferenczi responde às demandas dos pacientes, ele desconhece a dialética do desejo no tratamento, e trata os objetos do desejo da mesma maneira que os objetos da necessidade. Sua função em análise está vinculada a permitir uma reconciliação lá onde o Outro falhou; dito de outro modo, ele busca esconder a falta do Outro. Logo, o final de análise ferenciziano visa atender expectativas idealizadas.

Quanto a Winnicott, no final da análise encontramos um verdadeiro *self* resultado não de uma produção da análise, mas de um reencontro conduzido pelo analista. Isto acontece quando o analista abandona o ato

analítico e decide assumir o papel da "mãe suficientemente boa". Desse modo, o *self* do analista vem no lugar do objeto real que faltou à criança no início de sua vida, devido à ausência de uma "mãe suficientemente boa".

Estas duas proposições de final de análise puderam alcançar resultados terapêuticos. Nós sabemos que no final de uma análise podemos encontrar efeitos terapêuticos, mas eles não são suficientes uma vez que existe um real no tratamento psicanalítico que vai ao encontro à "fé fanática" de curar.

O real da experiência analítica revela que uma análise é didática na medida em que o psicanalisante vivencia a redução do psicanalista ao objeto *a*. Desta experiência, o analisante extrai o ensinamento de que não poderá estar no ato analítico, a não ser que consinta em expor a si mesmo a este tipo de destituição.

Assim, se com Lacan podemos conceber que o ato "está ao alcance em cada entrada de análise[15]", consequentemente, a sua Escola se sustenta na perspectiva de que aqueles que experimentaram o ato analítico possam testemunhá-lo no passe. É através do testemunho do passe, enquanto ele traz em si o real da experiência psicanalítica, que podemos esperar que a escola[16] de Lacan permaneça viva.

1 Freud, S., "Análise terminável e interminável"(1937), in *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, p. 252.
2 Ferenczi, S., "O problema do fim da análise"(1927), in *Obras Completas* – Sandor Ferenczi, vol. 4, São Paulo, Martins Fontes, 1992, pp. 15-24.
3 Idem, "Elasticidade da técnica psicanalítica"(1927), in *Op. Cit.*, pp. 26-27.
4 Freud, S., "O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise"(1911), in *Op. Cit.*, vol. XII, p. 121.
5 Idem.
6 Ferenczi, S., "Elasticidade da técnica psicanalítica"(1927), in *Op. Cit.*, pp. 26-27.
7 Ver Lacan, J., "Note Italienne", in *Ornicar?*, nº 25, Paris, Navarin, 1982.
8 Freud, S., /Ferenczi, S., *Correspondance*(1920-1933), vol. 3, Paris, Calmann-Lévy, 2000, p. 477.
9 Ver sobre isto o posfácio do Diário Clínico de Ferenczi. Ferenczi, S., *Diário Clínico*, Martins Fontes, São Paulo, 1990, p. 267.
10 Lacan, J., *O Seminário*, O Ato Psicanalítico, inédito, aula do dia 29 de novembro de 1967.
11 Idem., aula do dia 6 de dezembro de 1967.
12 Lacan, J., "Comptes rendus d'enseignements"(1964-1968), in *Ornicar?*, nº 29, Paris, Navarin, 1984, p. 21.
13 Lacan, J., *O Seminário*, O Ato Psicanalítico, inédito, aula do dia 6 de dezembro de 1967.
14 Lacan, J., "A direção do tratamento e os princípios de seu poder"(1958), in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 624.
15 Lacan, J., "Comptes rendus d'enseignements"(1964-1968), in *Op. cit.*, p. 21.
16 Chamamos a atenção do leitor que ao fazermos referência a escola de Lacan estamos nos referindo a corrente da psicanálise estruturada a partir do pensamento de Jacques Lacan.